

## CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PARA A EMANCIPAÇÃO: um diálogo na concepção de Marx e Ausubel

Douglas Correia dos Santos - Acadêmico de Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás, no Câmpus São Luís de Montes Belos. [douglascorreiadossantos@gmail.com](mailto:douglascorreiadossantos@gmail.com)  
Natalia Ribeiro Teixeira - Acadêmica de Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás, no Câmpus São Luís de Montes Belos. [nataliaribeiro7@hotmail.com](mailto:nataliaribeiro7@hotmail.com)  
Ândrea Carla Machado de Moraes. Pedagoga. Mestranda pelo MIELT – Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias. Bolsista FAPEG. Orientadora do [trabalho.andreacarla\\_1991@hotmail.com](mailto:trabalho.andreacarla_1991@hotmail.com)

### GT 12- Sociologia

**RESUMO:** O presente trabalho é reflexo de algumas produções, como pesquisa, grupos de estudos, monografia de graduação e dissertação de mestrado. Discutir a produção do conhecimento para a emancipação e não atendimento ao capital, perante o papel da universidade e das práticas docentes, se torna um importante instrumento de transformação social. Os motivos para a realização desse trabalho partiu justamente devido aos resultados das produções efetivadas. A sociedade atual tem sido marcada por questionamentos em relação as mudanças educacionais. A prática educativa visa à emancipação do homem ou a reprodução das desigualdades sociais em nome de uma educação para as massas. Essas questões devem ser discutidas. Para a elaboração deste trabalho, valeu-se de referenciais teóricos como Marx e Ausubel, também de pesquisa com grupo focal. Apresentar a historicidade da produção do conhecimento em Marx e algumas contribuições da teoria da aprendizagem significativa de Ausubel, se torna o objetivo maior desse trabalho. A possível relação entre as teorias de Marx e Ausubel, se estabelece mediante as metodologias aplicadas em sala de aula que favorece a criticidade, a formação humana e, principalmente, a emancipação e não meramente o atendimento ao mercado. O que se pode perceber é que a educação, tem ao longo da humanidade, atendido a demanda do estado, que no contexto atual, se apresenta enquanto uma política neoliberal atrelada as questões relativas ao mercado produtivo. Eis pontos para serem analisados na área da Sociologia.

### INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento é um processo construído pelo homem ao longo da sua história e de suas experiências, mediante as relações estabelecidas no seio social. *A priori* com o modo de produção capitalista surge à necessidade de uma educação que abranja a formação técnica, que fundamenta a perspectiva de constituir sujeitos capazes de aderir especificidade do mercado.

Com isso, as universidades tornaram-se algo indispensável para o desenvolvimento da sociedade. O professor tem que adequar sua prática metodológica ao contexto material

potencialmente significativo a formação dos sujeitos capazes de atender a demanda do capital. Esta realidade se deve ao movimento da história e da reprodução do conhecimento. Essas práticas e concepções precisam ser repensadas.

O discurso atual visto nos congressos de educação ou discursos sociais é que o regime capitalista, reafirmado pelo Neoliberalismo, apresenta uma educação para as massas, simplesmente visando o fortalecimento do sistema, pela mão de obra “qualificada” para atender o mercado, com a diplomação em massa. De tal forma que surge o chamado analfabetismo funcional. Essa questão inquieta intelectuais, estudiosos ou pesquisadores, como estes autores.

Levando em consideração o papel das universidades enquanto produtoras de conhecimento, tendo em vista que sua principal função é a pesquisa, deveriam fomentar a elaboração do conhecimento para a criticidade, a emancipação e a não alienação do pensamento e das ações. Contudo, isso demanda de uma reflexão sobre o trabalho pedagógico dos professores. E isso, está diretamente relacionado ao sistema econômico, que percebe a escola (universidade?) enquanto AIE – Aparelho Ideológico do Estado, como já afirmara Althusser (1985).

A relação entre trabalho pedagógico, entendimento da missão das instituições formadoras, a concepção de formação e a possibilidade de construção do conhecimento, podem favorecer a valorização do humano e a emancipação ou reforçar as desigualdades sociais e poder capitalista controlador nas mãos de uma elite.

## **JUSTIFICATIVA**

O que se observa na chamada era do conhecimento é que de fato é uma incoerência. A era será do conhecimento se os homens forem capazes de produzir conhecimento. Pode-se dizer que se vive na era da informação ou da tecnologização. A capacidade de transformar as informações em conhecimento é própria do ser humano. Mas, esta transformação somente acontecerá se o ser humano for preparado para tal. Caso contrário apenas reproduzirá as informações acreditando que está produzindo conhecimentos.

Ao longo da história da humanidade e, mais fortemente, após a Revolução Industrial, o modo de produção capitalista, influenciou na organização escolar e na gestão da (re) produção do conhecimento. A formação para o atendimento ao capital ou mercado, se tornou a marca da educação. A formação para a criticidade e a valorização do humano não é interesse do capital.

Visto que a máquina de produção se faz em grande parte pela mão de obra reificada ou alienada, conforme apresenta Marx (2005).

Quanto mais crítica for a educação ou mais valorização ao humano ela propiciar, menor será a possibilidade de reificação e alienação inconsciente. Nesse ínterim, o modo de produção capitalista poderá perder lucratividade. Contudo, o discurso dos paradigmas educacionais, tem mostrado que a educação caminha ou deveria caminhar para uma formação menos tecnicista e tradicional. Essas angústias norteiam as discussões do GEFOPÍ – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. O que motivou a escrita.

## **OBJETIVOS**

Este trabalho tem o objetivo de mostrar a historicidade da produção do conhecimento em Marx e algumas contribuições da teoria da aprendizagem significativa de Ausubel. Assim, a relação do discurso, está na metodologia utilizada para determinadas circunstâncias da produção do conhecimento, que se entrelaça no processo de ensino-aprendizado, visando a criticidade, a formação humana e, principalmente, a emancipação e não meramente o atendimento ao mercado.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho partiu das experiências advindas dos debates no GEFOPÍ – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, também de dois projeto de pesquisas e um trabalho de monografia. O GEFOPÍ discute temas inerentes a formação de professores inseridos em uma sociedade capitalista. Um projeto de pesquisa de graduação apresentou a TAS – teoria da aprendizagem significativa, na concepção de David Ausubel como sendo uma possibilidade de formar o ser humano de maneira crítica, valorizando a produção do conhecimento. Para análise empírica da TAS, realizou um mapeamento em um grupo focal, no ano de 2014.

O outro projeto de pesquisa, de mestrado, ainda em andamento, discute a educação na concepção de Marx e Saviani, mostrando que a formação do pedagogo visa o atendimento ao mercado, enquanto que deveria formar o ser humano de maneira crítica e emancipada, para que possa se posicionar na sociedade de maneira não reificada. O trabalho de monografia, na

graduação, discutiu a educação e o processo de emancipação do homem e as suas contradições, na visão de Marx. O qual demonstrou que a educação é reprodutivista das relações sociais e fortalece o poder nas mãos dos capitalistas, pois forma de maneira tecnicista, visando a produção do mercado.

A união dos trabalhos mediante discussões, promovem um diálogo entre a concepção de Marx e de Ausubel. A defesa de Marx é quanto uma formação para a emancipação ou para a valorização do humano ou para a não alienação e reificação. A defesa de Ausubel é quanto uma metodologia em sala de aula que propicie a construção do conhecimento para a criticidade e compreensão da realidade de maneira não alienante. Apesar de Marx ter criado sua concepção no Séc. XIX e Ausubel no Séc. XX, ambos autores corroboram que o ser humano deve ser produtor de conhecimentos e não reprodutor atendo ao mercado produtor.

## **DISCUSSÃO TEÓRICA**

O conhecimento que o aprendiz chega à universidade, pode-se dizer que, é do senso comum atribuído com algumas relações do contexto científico, condicionado aos conteúdos curricular na formação do ser humano. Ao se deparar com os conteúdos da educação superior busca ancorar os conhecimentos adquiridos ao longo da carreira escolar, da sua vida cotidiana, pois a produção epistemológica está condicionada com o modelo de vida material, Assim, de acordo com Marx (2005, p. 52) “O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrario, é seu ser social que determina sua consciência.”

Deste modo, a produção científica tem a peculiaridade na vinculação da materialidade do agente do saber centrado na realidade que se encontram os sujeitos. O professor busca fazer uma representação do conhecimento novo com o contexto de conceitos do aprendiz. Pois, o aprendizado representacional se assemelha com a memorização. Esse processo auxilia o educador definir a metodologia de ensino e mostrar caminhos que possibilite a construção do conhecimento e não mera reprodução de informações.

A universidade como um polo de engendrar conhecimento, pela pesquisa, certamente, onde o aprendiz tem uma suposta percepção de alguns déficits de aprendizado no ensino regular. A necessidade de formar sujeitos que domine sua área de conhecimento é uma prática que a princípios é uma lógica do mercado. O aprendizado de conceitos é exigido, para isso, o

aluno deve ser questionado para apreensão e produção de hipóteses para supostas concepções a todo instante.

Estes são desafios que o educador deve enfrentar na educação superior, além disso, buscar superar a passividade dos sujeitos aderida por falta de se inserir os conceitos básicos da pesquisa no ensino regular, pois são alunos ociosos, que falta motivação para aprender. O educador num nível supostamente mais elevado de conhecimento tem que buscar primeiramente identificar qual melhor meio de aquisição do aprendizado do aluno e quais conceitos que o aprendiz possui.

Nesta visão, a tarefa de educar é muito mais que um simples processo de aulas expositivas, pois como diz Meszarós (2008, p.13) “educar não é mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho da vida”. A tarefa de educar não é somente um estado de conservação e reprodução do conhecimento é, possibilitar que o aprendiz chega à resolução de problemas por meio de hipótese fundamentada por ele próprio. E isso requer uma metodologia que conceba que o conhecimento seja o objeto de desejo.

As novas ideias e teorias sociais se originam neste processo de formação do interesse particular do aprendiz, deve-se desvincular da lógica de mercado, conceber o espaço teórico como meio de retenção de ideia e conceitos, o meio de produção do conhecimento e não apenas que a educação seja como “uma mercadoria que pode ser vendida por qualquer instituição, "o mercado se encarrega" da oferta, da procura, da qualidade”, conforme Moreira (2010, p.04).

Certamente, a educação baseada na perspectiva do capital, não é à base de formação de sujeitos críticos e ativos no processo de ensino-aprendizado. O estigma do capitalismo do seu sistema de mutação coloca várias visões do meio que estão inseridos os sujeitos, e isso, influencia diretamente na construção do conhecimento do aprendiz de forma a reproduzir informações e reforçar a desigualdade social.

Para que ocorra mudança na visão de produção do conhecimento, tanto o educador quanto o aluno deve ter a consciência do processo de ensino e aprendizagem. O educador deve sair do comodismo e utilizar metodologias diferenciadas que chamem a atenção do aluno e possibilitem a construção do conhecimento. Já o aluno precisa entender o que lhe é proposto para que consiga construir o conhecimento. Nesse sentido, o educador é mediador das circunstâncias e do meio, nas palavras de Marx e Engels (1977, p. 118-119):

Os homens são produto das circunstâncias e da educação [...] e de circunstâncias diferentes [...] A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser apreendida e racionalmente compreendida como prática transformadora.

São os homens que dominam a natureza, assim a construção do conhecimento, de acordo com Ausubel (2001,p. 34) é a “formação conceptual, os atributos específicos do conceito adquirem-se através de experiências directas, i.e., através de fases sucessivas de formulação de hipóteses, testes e generalização.”. A partir dos questionamentos feitos pelo educador para ampliação de conceitos por parte do educando, ocorre um processo de assimilação conceitual, que se subordina ao conhecimento adquirido que cria supostas hipóteses para resolução de tais questionamentos e para que ocorra abstratividade do conteúdo sucede-se da seguinte forma: do simples/complexo e do abstrato/concreto.

A produção do conhecimento é um processo de formação provido de vários campos: políticos, psicológicos, sociológicos, filosóficos. Essa macro expansão de saberes é incorporado ao longo da vida dos sujeitos e a forma que trabalha o educador faz a ligação para que os conhecimentos científicos adquiram relevância para o educando.

A contribuição para a criticidade de sujeitos capazes de aderir conhecimentos por meio da construção de um aprendizado que possa ter relevância, de acordo com Marx (2005, p.40) parte do “todo, tal como aparece no cérebro, como um todo de pensamentos, é um produto do cérebro pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível”. Desta forma, o educador tem que relacionar o conhecimento para que o aprendiz consiga assimilar conceitualmente o todo da base do pensamento epistemológico.

Assim, a produção do conhecimento parte de um conjunto de experiência do senso comum que constitui a agregação de conceitos. Mas, o que se pode ver é que tanto o aluno quanto o professor podem estar desinteressados, e preferem a reprodução do conhecimento, ou seja, fazer cópias. Contudo, essa questão não pode ser dominando na educação.

Esse modelo de educação não contempla a formação humana, fundamenta-se apenas na peculiaridade do mercado. A formação técnica foge do contexto da universidade, o currículo é submetido à preparação e a potencializar a mão de obra para mercado. A retenção do conhecimento é de forma que visa somente a memorização, assim, os sujeitos são passivos, o pilar de seu conhecimento é proveniente somente ao contexto da competitividade de mercado.

Saviani (2000) é contra educação se submeter ao mercado. Educação tinha que formar o homem e não mão de obra. Marx também. Mas, as condições históricas e sociais conduzem para que a escola seja de conservação das reproduções sociais e manutenção do poder e da lógica do capital. Nesse contexto o professor submete sua força de trabalho a máxima produção da mais valia, reificando-se em nome de sua sobrevivência.

Logo, que o sistema capitalista na dimensão da globalização tem nas suas atribuições uma origem que “suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população”, como assevera Marx (2011, p. 45). Estas forças, que por consequências submete a formação dos indivíduos à centralidade do teor técnico.

Na medida em que o sistema capitalista avança, a mensuração de dados como fator de qualidade configura-se uma pressão simbólica por parte do Estado que busca uma devolutiva no que investe no sistema para supostas eficiências. É neste contexto, que se consolida o processo de mais-valia e retificação da mão de obra na educação. Pois as consequências do processo de globalização consolida um modelo hegemônico de currículo para o sistema escolar.

O sistema de internacionalização se configura nas premissas de força-poder-interesses é, no processo de globalização que são expressa os conceitos numa dimensão macro da lógica do mercado. E isto gera imposições das políticas na educação, que são condicionadas a produção do conhecimento. Percebe-se que a expressão do poder que existe dentro deste processo não é mera formalização da força, busca-se suprir interesses do Estado democrático capitalista.

O professor submete a este sistema criado pela classe burguesa, em que “a necessidade de mercados cada vez mais extensos para seus produtos impele a burguesia para todo o globo terrestre. Ela deve estabelecer em toda a parte, instalar-se em toda a parte, criar vínculos em toda a parte”, como apresenta Marx (2011, p. 44). Com isso, busca por meio da educação/trabalho introduzir conceito hegemônico de mercado na constituição do currículo.

No processo de globalização os seus ideais se configura o poder sobre o Estado, que adere a especificidade dos interesses do mercado. Deste modo, existe sim formação dentro do contexto da educação superior, mas uma formação que atenda a supremacia da formação para o mercado e não para emancipação da consciência dos indivíduos.

É preciso compreender, que a formação para emancipação humana, é um processo de romper com uma estrutura de sistema que se perpetua por séculos, que distingue os homens e produz desigualdades em várias dimensões. Então, a visão do homem é limitada, pois a consciência humana está dominada e com isso “os processos de “reconservação tecnológica” [...] colocam os setores capitalistas que queiram ser competitivos a necessidade de um conhecimento no processo de trabalho que não se reduza a fórmulas e técnicas”, discutido por Frigotto (2000, p. 71). Com isso, existe uma especificação para a formação humana, que os sujeitos sejam capazes de resolver situações novas, capacidade de observação, mas essa atribuição de poder ao conhecimento não é suficiente para os sujeitos sair da idealização do mercado.

O professor tem uma tarefa árdua, contemplar essas especificidades com salários baixos e ter de se profissionalizar para valorização da sua mão de obra, são denominação que abrange em torno do capital humano. A valorização são que os professores buscam dentro do sistema de mercado tecnocrático que gira em torno do pressuposto da meritocracia. O que se não pode é conceder que a produção do conhecimento seja uma mercadoria, mas seja uma alternativa de transformar a ordem sistêmica vigente da sociedade. A universidade é o lugar, é a ponte do saber entre senso comum e o conhecimento científico, para isso, os interesses mútuos são necessários.

Diante desses princípios é possível afirmar que a produção do conhecimento exige do professor tempo e disponibilidade para planejar suas aulas, porém a carga horária está sobrecarregada na expectativa de ganhos maiores, para isso, tem que vender maior força de trabalho para o sistema, tendo o déficit na execução de suas aulas. E se submete a lógica de mercado para conseguir assim sua subsistência. Sendo que a metodologia deve estar de acordo com a necessidade de cada aluno o que de certa forma para alguns é um trabalho muito árduo e que exige muita pesquisa.

Moreira (2011), um autor neoausubeliano, apresenta onze estratégias facilitadoras da aprendizagem significativa, que visam uma formação para a criticidade e construção do conhecimento, o que pode favorecer a não aceitação das imposições do mercado, a não reificação e a não alienação.

O primeiro princípio é do conhecimento prévio, ou seja, é o conhecimento adquirido a partir das experiências das relações sociais que servem como ponte para o novo processo de aprendizagem que se iniciará na escola. Ou seja, os conhecimentos prévios auxiliam o professor, a saber, de onde ele deve começar a introduzir o conteúdo aos alunos.

O segundo princípio é da interação social e do questionamento, ou seja, ensinar/aprender por meio de perguntas ao invés de respostas prontas. Isso ocorre a partir do processo da relação do aluno e professor com o conhecimento engendra a dúvida levando ao questionamento. Cabe ao professor possibilitar caminhos para que o aluno saceie suas dúvidas.

O terceiro princípio é da não centralidade do livro de texto, ou seja, o uso de documentos, artigos e outros materiais educativos deve prevalecer. O professor não pode se ver preso ao livro didático. O professor precisa buscar outros meios como, por exemplo: artigos, poesias, contos etc. Porém, a autonomia do professor em buscar novos recursos metodológicos é limitada pela cobrança que à do sistema.

O quarto princípio do aprendiz como perceptor/representador. A construção conceitual por parte do aprendiz correlacionar à percepção e do interesse despertado pelo professor. O

dinamismo da funcionalidade do ser humano e complexidade no processo de aprendizagem da disposição da habilidade despertada, proporciona os meios necessários para aprender.

O quinto princípio do conhecimento é quanto a linguagem. Neste princípio pode-se perceber que a linguagem seve como mediação para o entendimento, sendo que não se aprende somente palavras, mas também seus significados. Moreira (2000) afirma que “a linguagem é mediadora de toda percepção humana”.

O sexto princípio é da consciência semântica. O professor precisa ter a consciência e clareza de que aquilo que é escrito e falado, realmente é entendido pelo aluno. A semântica das palavras podem ter duplo sentido e não ser compreendido pelo aluno da maneira como deveria ser. Isso pode implicar em dificuldades de produção do conhecimento.

O sétimo princípio é da aprendizagem pelo erro, em que muitos professores usam o erro dos alunos principalmente em avaliações para punir os alunos, mas este não é o verdadeiro objetivo deve-se usar o erro para aprender, talvez a resposta que o aluno tenha colocado na avaliação não seja a que o professor esperava, mas foi como o aluno conseguiu entender o conteúdo, isto não significa que ele não aprendeu somente que aprendeu de outra forma.

O oitavo princípio é da desaprendizagem, pois a partir deste princípio deve-se lembrar que se vive em um mundo em constantes transformações e que o que hoje é certo amanhã poderá estar errado. É preciso estar atento a estas transformações e aprender a desaprender para poder aprender de novo, pois “Desaprender conceitos e estratégias irrelevantes passa a ser condição prévia para a aprendizagem”, segundo Postman e Weingartner (1969, p. 208).

O nono princípio é da incerteza do conhecimento. Este princípio assevera que nada há uma definição concreta, sempre se está e se deve questionar. Assim, como foi abordado no princípio anterior, tudo está em transformação. Contudo, esta incerteza faz com que busquemos questionar tudo e trazer isso para a sala de aula, instigando o aluno para o mesmo.

O décimo princípio é da não utilização do quadro-de-giz, o que favorece a participação ativa do aluno. Na aprendizagem mecânica ocorre muito de o professor copiar no quadro, passar as respostas corretas sem nenhum questionamento do aluno várias vezes um dia antes da prova para que aluno decore e depois reproduza na avaliação. Neste principio ocorre que o professor deve utilizar de outros recursos para que chame atenção do aluno, assim como foi falado no terceiro principio. *Datas-shows* é um bom exemplo disso além de auxiliar o professor para que ocorra uma aprendizagem significativa com alunos que tenham mais facilidade de aprender vendo como na modalidade visual. Existem outros recursos que o professor pode utilizar, para deixar as aulas mais atrativas, tirando da mesmice do copiar e reproduzir. Não significa que deve abandonar o quadro de giz, mas usá-lo quando for necessário.

O décimo primeiro princípio do abandono da narrativa. Isso implica em deixar o aluno falar. Neste princípio o professor aparece como mediador, mostra os caminhos e o aluno busca seu conhecimento, não deixar que ele estude somente com o livro didático, mas que busque outros recursos para produzir seu conhecimento.

As concepções de Ausubel trazem outras possibilidades enquanto metodologia, como os mapas mentais ou conceituais que são palavras conectadas umas as outras que ao final possuem ligação. A aprendizagem está no processo de construção do mapa conceitual, em que o sujeito consegue representar o todo e as partes de seu pensamento. Para Moreira, (2006) são diagramas que indicam relações entre conceitos (apenas conceitos) e procuram refletir a estrutura conceitual de um certo conhecimento. Mais especificamente, podem ser vistos como diagramas conceituais hierárquicos. Construí-los, "negociá-los", apresentá-los, refazê-los, são processos altamente facilitadores de uma aprendizagem significativa.

Os conhecimentos prévios ou subsunçores, segundo Moreira e Masini (1982, p. 7) podem ser considerados uma "[...], estrutura de conhecimento específica [...] existente na estrutura cognitiva do indivíduo", podem ser o ponto de partida dessa relação, pois assim o educador saberá o que seus alunos sabem e como irá ancorar esses conhecimentos com os novos conteúdos. Uma forma de entender melhor esses conhecimentos é a construção de mapas conceituais ou mapas mentais. Em que o sujeito constrói um esquema utilizando palavras-chave de um determinado assunto e consegue decifrá-lo sem nenhum texto.

Segundo Santos (2009, p. 73-74), outro neoausubeliano, a aprendizagem significativa se dá por meio do que se entende ser um planejamento se atentando para os sete passos da (re) construção do conhecimento:

1. O sentir – toda aprendizagem parte de um significado contextual e emocional.
2. O perceber – após contextualizar o educando precisa ser levado a perceber características específicas do que está sendo estudado.
3. O compreender – é quando se dá a construção do conceito, o que garante a possibilidade de utilização do conhecimento em diversos conceitos.
4. O definir – significa esclarecer um conceito. O aluno deve definir com suas palavras, de forma que o conceito lhe seja claro.
- 5 – O argumentar – após definir, o aluno precisa relacionar logicamente vários conceitos e isso ocorre através do texto falado, escrito, verbal e não verbal.
6. O discutir – nesse passo, o aluno deve formular uma cadeia de raciocínio através da argumentação.
7. O transformar – o sétimo e último passo da (re) construção do conhecimento é a transformação. O fim último da aprendizagem significativa é a intervenção da realidade. Sem esse propósito, qualquer aprendizagem é inócua.

Entre essas observações acrescenta-se que o professor deve estar atento as diferentes modalidades de aprendizagem que possuem na sala de aula. Suas metodologias devem ser

planejadas levando em consideração a modalidade de aprendizagem predominante na sala. Contudo, em outras aulas, o professor deve planejar visando atender as outras modalidades de aprendizagem.

Um professor de tendência formadora tecnicista ou reprodutivista, não leva em consideração o seu alunado e sua forma de aprender. Um professor de tendência crítica e produtora do conhecimento, visa metodologias e formas de aprender que favorecem o crescimento do aluno.

Nessa concepção, o professor precisa conhecer sua turma e identificar as modalidades de aprendizagem para realizar o planejamento. As modalidades segundo Santos (2009) são: auditiva, visual e cinestésica. Para atender os alunos com predominância da modalidade auditiva deve prevalecer nas escolhas metodológicas a palestra ou a fala contundente do professor, porque o aluno precisa ouvir para assimilar. Para os alunos visuais é necessária a projeção de slides, de preferência com figuras, imagens e gráficos, pois ele necessita visualizar as informações. Já os alunos da modalidade cinestésica têm preferência pelo fazer ou praticar. Assim, é interessante que o professor valha-se de seminários, de teatros, de elaboração de esquemas, etc.

O papel do professor que visa desenvolver em seus alunos a capacidade de transformar as informações, apresentadas pela modernidade ou pela tecnologia, em conhecimento, tem como princípio o repensar de suas práticas educativas e levar em conta o humano que está se relacionando e formando. Apesar da sociedade capitalista preferir um sujeito reificado, é função da educação e dos professor comprometidos com o desenvolvimento crítico do conhecimento e das relações sociais para a emancipação, um rever das suas metodologias.

A produção do conhecimento e da história é própria do ser humano. Mas, estas produções podem ser para a reificação ou para a transformação emancipatória. Isso somente acontecerá se o ser humano for preparado para tal. Caso contrário apenas reproduzirá as informações e a realidade acreditando que está produzindo conhecimentos e se colocando no mundo enquanto ser social de emancipação. Ledo engano. Pensemos nisso!!!

## **RESULTADOS**

A pesquisa realizada sobre a metodologia da prática da aprendizagem significativa de Ausubel foi durante as aulas de História da Educação, no 4<sup>a</sup> período ano de 2014, no Curso de

Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus São Luís de Montes Belos. O intuito da pesquisa foi mapear o desenvolvimento das aulas, analisando se as metodologias aplicadas poderiam proporcionar aos alunos aulas diferenciadas e mais significativas. Levando em consideração que a professora da disciplina, Ms. Andréa Kochhann, além de orientadora das produções que motivaram este trabalho, é estudiosa de Marx e de Ausubel.

A referida professora defende que a educação deve ser para a produção de conhecimento e emancipação do ser humano. A sociedade capitalista que (re)produz e (re)afirma as desigualdades sociais, somente será abalada em suas estruturas, se o ser humano, massa populacional, souber o valor que tem e lutar pelo seu processo de emancipação. A educação pode favorecer essa luta ou reforçar os interesses do capital. É o professor que dará o tom ao discurso.

Durante as aulas a professora utilizou a dinâmica da caixinha elétrica para conhecer os subsunçores dos alunos, construção de mapas conceituais para favorecer a compreensão de novos conceitos, a linha do tempo contextualizada e crítica, os seminários como momentos de práxis, slides com textos, imagens e músicas, produção de texto e outras metodologias.

O objetivo da dinâmica foi identificar os conhecimentos prévios dos alunos. Desta forma exige do professor um tempo de planejamento das perguntas, saber o que os alunos já haviam estudado, ou seja, a pesquisa. Para a construção do mapa conceitual foi levado em consideração como requisito os três capítulos que seriam estudados e o nome da disciplina, para que os alunos conseguissem compreender a relação entre eles. Novamente pode-se afirmar que para isso é preciso que o professor esteja preparado para o mesmo, fazendo um bom planejamento.

A linha do tempo que também é considerado um mapa conceitual, pois a aprendizagem está na construção da mesma, pois facilita a compreensão e portanto, o entendimento da história da educação, como por exemplo, quais foram os aspectos mais importantes que influenciaram a educação ao longo dos anos e também a criação do curso de Pedagogia.

Em todas as aulas foi feita uma aula introdutória que é de suma importância para que o aluno se localize e entenda o que já foi ministrado e o que ainda está por vir. Os slides utilizados tinham o objetivo de proporcionar o aprendizado daqueles que possuem a modalidade de aprendizagem visual. Lembrando que o professor em sala de aula, precisa estar atento a isso, saber quais as dificuldades dos alunos e como ajudá-los a compreender.

A produção de texto foi usada para identificar os subsunçores e auxiliar os alunos com modalidade de aprendizagem cinestésica, ou seja, o aluno compreende fazendo, escrevendo,

pesquisando. As aulas expositivas podem auxiliar os alunos com a modalidade auditiva pois a compreensão ocorre somente ouvindo.

Os seminários realizados tiveram a intenção de entender como estava sendo o aprendizado dos alunos. Assim, que cada grupo apresentava o seu tema a professora fazia um breve comentário ligando o que havia sido falado pelos alunos aos conteúdos estudados em outras aulas. Os grupos utilizaram de materiais como slide e um breve resumo de sua apresentação para que os alunos acompanhassem e compreendessem melhor cada tema, lembrando que utilizando esses materiais poderiam atingir a todas as modalidades seja ela visual, auditiva e cinestésica.

De acordo com essas metodologias apresentadas utilizadas pela professora pode-se dizer que para se efetivar essa aprendizagem o professor deve estar disponível para tal. Ter o tempo de planejamento e antes de tudo fazer um diagnóstico de seus alunos e entender como eles podem aprender.

Com a avaliação das metodologias desenvolvidas pela professora ao longo do semestre é possível dizer que a mesma alcançou o objetivo da disciplina e da sua proposta pedagógica. Conforme afirmado pelo aluno, aqui representado pelo nome fictício de Eduardo, *“As metodologias usadas durante as aulas foram de grande valia para a aprendizagem. Uma vez que diversificadas tornaram as aulas mais dinâmicas e atrativas, não impondo aos alunos a mesmice na transmissão dos conteúdos. O uso das mesmas de maneiras variadas como visual, auditiva, escrita possibilitou a melhoria na qualidade do ensino/aprendizagem impulsionando as reflexões e ações por parte dos discentes.”*.

Assim também afirmou a aluna, com nome fictício de Rafaela, ao dizer que *“O método de aprendizagem de David Ausubel de acordo com a aprendizagem durante o semestre utilizada pela professora foi significativa, pois a partir dos métodos de ensino como a elaboração de mapas conceituais, e a linha do tempo permitiu apropriar-se do conhecimento, mesmo que de uma forma gradativa, também foi espontânea, pois nos debates de aula conseguimos encontrar as respostas para as situações e perguntas sobre a história da educação.”*.

Ao analisar todo o mapeamento, realizado como observação participativa, visto que a pesquisadora era acadêmica da turma, pode-se dizer que o processo do uso das metodologias da TAS – teoria da aprendizagem significativa, pode favorecer a formação do aluno para a produção do conhecimento e não reprodução de informações. Por consequência, o aluno passa a ser mais crítico e participativo de sua sociedade. Não aceitando meras imposições e condições de reificação ou alienação inconsciente.

Ficou explícito durante as pesquisas que o discurso sobre o modelo da estrutura educacional vigente apenas reproduz e se adapta aos ideais da ordem capitalista, sendo aparelho reprodutor do estigma alienante do capital. A lógica de mercado inserido nas instituições de educação transparece a pretensão de estado, em conceber a educação como uma forma relacional de poder como status de qualidade.

Se os professores não compreenderem que o seu trabalho pedagógico pode reforçar a alienação ou promover a emancipação, a massa populacional, continuará sendo formada para atender o capital. Essas discussões devem ser travadas em todos os âmbitos, inclusive na Sociologia, visto que as implicações de todas essas questões, inferem diretamente na sociedade e nas relações estabelecidas entre os pares que a compõe.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. Lisboa: Plátano edições técnicas Lisboa, 2001

GENTILI, Pablo A.A, SILVA, T. Tadeu da (Orgs). **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação, Visões críticas**. 14.ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2012 p 33-92.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Teses sobre Feuerbach**. São Paulo, Alfa-Omega, 1977).

MARX, Karl e Engels, Friedrich. **Manifesto do partido Comunista**. Petrópolis,Rj: Vozes, 2011.

MESZÁROS, Istvan. **A educação para além do capital**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOREIRA, M.A. **Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares**. São Paulo, Livraria Editora da Física, 2010.

MOREIRA, Marco Antonio. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA CRÍTICA (CRITICAL MEANINGFUL LEARNING). In: NOVAK, J.D., MOREIRA, M.A., VALADARES, A.J., CACHAPUZ, A.F., PRAIA, J.F., MARTINEZ, R.D., MONTERO, Y.H. e PEDROSA, M.E. **TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: Contributos do III Encontro Internacional sobre aprendizagem significativa**. Penche, 2000. Cap. 5, p. 121-134.

POSTMAM, Neil & WEINGARTNER, Charles (1969). **Teaching as a subversive activity**. New York: Dell Publishing Co. 219p.

MARX, Karl. **Para a crítica a economia política: O Capital**. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 2005.

SANTOS, J.C.F. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. 2. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SAVIANNI.D. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores associados, 2000.